

CULTURA E ENSINO APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS¹

Leandra Ines Seganfredo Santos²

RESUMO

O artigo objetiva refletir sobre a relação entre língua(gem) e cultura, em especial no que se refere ao processo de ensino-aprendizagem de Língua Inglesa, a partir da visão de pais, professores, diretores e alunos de escolas públicas da rede municipal de ensino de Sinop, uma cidade localizada ao norte do estado de Mato Grosso, que o caracterizam importante, já que veem o conhecimento desta língua, não só como um instrumento vantajoso na inserção ao mercado de trabalho, mas também, como bem cultural.

Palavras-chave: linguagem, cultura, língua inglesa.

Introdução

Língua(gem) e cultura são indissociáveis na construção da identidade dos indivíduos por meio das práticas sociais. A Linguística Aplicada tem considerado a aprendizagem de língua e cultura uma área muito importante de estudo. Ao definir a aprendizagem e línguas como um processo de transformação sociocultural, essas não podem ser observadas fora de seus contextos específicos, ou seja, não se pode considerar as condições psicológicas separadas das sociais.

Na dita era *da globalização*, a Língua Inglesa (LI) tem sido vista como a língua universal e é ensinada na maioria das escolas, fato comum também na cidade onde moro. Diante disso, interessou-me investigar como pais, professores, diretores e alunos veem o ensino de LI e o uso de termos em inglês no cenário urbano.

Os dados analisados neste texto são provenientes de um estudo qualitativo que envolveu dezoito participantes (cinco professores, três diretores, quatro pais e seis

¹ Este artigo é um recorte decorrente de minha Dissertação de Mestrado intitulada “Crenças acerca da inclusão de Língua Inglesa nas séries iniciais: quanto antes melhor?”, defendida em 2005, no Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos, Ensino Aprendizagem de Línguas, da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, sob a orientação da Professora Dra. Ana Antônia de Assis-Peterson, a quem agradeço imensamente pela colaboração.

² Professora Mestre do Departamento de Pedagogia da UNEMAT – *campus* de Sinop, na área de Metodologia do Ensino. Discente do programa de Pós-graduação da UNESP – São José do Rio Preto/ SP, no curso de Doutorado, na área de concentração de Lingüística Aplicada, linha de Ensino e Aprendizagem de Línguas. E-mail: leandraines@hotmail.com

alunos), desenvolvido em três escolas municipais de Sinop/MT, coletados mediante observação participante, análise documental, entrevistas, diário pessoal e conversas informais.

Os depoimentos dos participantes mostram que o ensino de LI é importante e lhe atribuem valor instrumental e cultural. Assim, para uma melhor compreensão do tema aqui proposto, divido o artigo em duas partes. Na primeira discuto, ainda que brevemente, os termos língua(gem) e cultura. Na segunda parte apresento alguns dos dados coletados e os analiso à luz das teorias discutidas.

Língua(gem) e sua relação com a cultura

Nas palavras de Hall (2002, p. 16-19), “língua é ao mesmo tempo um repositório de cultura e uma ferramenta por onde a cultura é criada”, e seu uso é convencionalizado e moldado pelas inúmeras atividades comunicativas intelectuais e práticas que constituem o viver diário. A essa construção de significados pessoais e sociais concretizados no uso da língua, Bakhtin (1999) denomina *single-voiced* (significados inquestionáveis, não negociáveis e, portanto, resistente à mudança) e *double-voiced* (significados sócio-históricos visíveis aos falantes), ou seja, sob uma perspectiva sociocultural da ação humana, a língua é vista como uma ferramenta individual e um recurso sociocultural.

Santos (2003, p. 10) afirma que os grupos humanos se expandiram progressivamente de uma origem biológica comum, ocupando praticamente a totalidade dos continentes e que, nesse processo, o contato entre grupos foi frequente, mas a intensidade desses contatos permitiu muito isolamento, marcando dessa forma o desenvolvimento. Porém, o contato tem passado, recentemente, por um aceleração de modo que os grupos isolados vão desaparecendo com a tendência à formação de uma civilização mundial. Há uma preocupação marcante, na contemporaneidade, para se entender os caminhos que conduziram os grupos humanos às relações presentes e vislumbrar perspectivas de futuro.

No cotidiano, os sujeitos se relacionam de maneiras diferenciadas no pensar, no agir e nas ações comunicativas. Esse conhecimento prático adquirido socialmente torna os aspectos culturais aparentes. Street (1993b, p. 25, citado em HALL, 2002) bem

observou que não é tarefa fácil dizer o que é cultura³. O que pode ser feito, segundo ele, é dizer o que ela faz e o que ela faz é definir palavras, ideias, coisas e grupos, num processo ativo de construção de sentidos. Cultura é uma palavra de origem latina, cujo significado original está ligado às atividades agrícolas. Pensadores romanos antigos ampliaram o significado original e a usaram para se referir ao refinamento pessoal, como sinônimo de sofisticação pessoal, educação elaborada de uma pessoa. As preocupações sistemáticas com a questão da cultura, no entanto, são recentes, datam do século XVIII, tiveram início na Alemanha, associadas a novas formas de conhecimento. Cultura foi usada constantemente desde então e o é até hoje.

Mesmo diante das dificuldades de conceituação, Spradley afirma que grande parte da cultura consiste em *conhecimento tácito* e a conceitua como:

Conhecimento adquirido que as pessoas usam para interpretar experiência e gerar comportamento... se refere a *padrões* de comportamento, artefatos, e conhecimento que as pessoas têm aprendido ou criado. É uma organização de coisas, o significado dado pelas pessoas aos objetos, lugares e atividades. Toda sociedade humana é *culturalmente* (grifos do autor) constituída. As pessoas em toda parte aprendem suas culturas fazendo inferências. Nós geralmente usamos três tipos de informações para fazermos inferências culturais. Observamos o que as pessoas fazem (comportamento cultural); o que produzem e usam, tais como roupas e ferramentas (artefatos culturais) e ouvimos o que dizem (mensagens faladas) (SPRADLEY, 1980, p. 6, 10 e 86).

As definições de cultura acima descritas apresentam algumas similaridades. Todas as definições abordam o caráter social de sua formação, assim como aludem à flexibilidade e heterogeneidade dos sistemas que a compõem.

A comunicação entre os indivíduos de diferentes grupos sociais e as interpretações que fazem acerca das práticas sociais que realizam, também, são vistas como componentes essenciais para a formação de suas identidades culturais. Por cultura não estar localizada em mentes individuais, mas em atividades sociais e culturais, devemos compreender que qualquer estudo de língua(gem) é, necessariamente, um estudo da cultura, como o trabalho ora delineado deve ser visto. Assim, neste estudo,

³ Laraia (1997, p. 25) afirma que o conceito de Cultura, como utilizado atualmente, foi definido pela primeira vez em 1871 por Eduard Taylor: “Tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”.

cultura é compreendida como o conhecimento subentendido que as pessoas exteriorizam ao interagirem no contexto em que estão inseridos. Quer dizer, está associada a conhecimento, cuja característica fundamental é a “de ser fator de mudança social, de servir não apenas para descrever a realidade e compreendê-la, mas também para apontar-lhe caminhos e contribuir para sua modificação” (SANTOS, 2003, p. 43).

Hall (2002, p. 33) defende a ideia de que as várias identidades sociais não são simplesmente rótulos que os indivíduos preenchem com suas próprias intenções, antes, elas incorporam histórias particulares que têm sido desenvolvidas ao longo do tempo por outros membros do grupo, representando papéis similares. Em suas histórias de representações por meio das relações de comunicação, geralmente determinadas pela educação de um povo (um dos fatores mais importantes para a divulgação de uma língua), identidades se associam a conjuntos particulares de ações linguísticas, crenças, atitudes e normas, dispondo as pessoas a agir, pensar e sentir de maneiras particulares e notar o envolvimento dos outros, constituindo o que Bourdieu chama de *habitus*. Enquanto as identidades sociais e os papéis são imensamente moldados por grupos e comunidades das quais os indivíduos fazem parte, esses como agentes individuais (BAUMAN, 2000, citado em HALL, 2002) também atuam em um papel para mudá-las.

Os povos, compostos por sujeitos pós-modernos, têm, no que diz respeito ao aspecto identitário, se mostrado sem identidade fixa, essencial ou permanente, porém vão se definindo e modificando historicamente em diferentes momentos, se construindo na língua e por ela, como atores sociais usuários com identidades múltiplas, variadas e emergentes de suas experiências vividas no cotidiano (KRAMSCH, 1998). Nessa visão, como salientou Hall (2002, p. 46), nenhum uso da língua, nenhum usuário individual dela é considerado ser *culture-free* (desvinculado da cultura).

Nessa perspectiva, naturalmente, faz-se presente o cruzamento linguístico e a apropriação de culturas. E essa habilidade de adquirir a língua de outra pessoa e reter sua cultura, enquanto conserva sua própria (ORTIZ, 1994, p. 27), é um aspecto de uma habilidade mais geral de mediar entre várias línguas e culturas. Kramsch denomina essa mediação de comunicação de *trans*, *inter* ou *multicultural*:

A habilidade para adquirir a língua de outra pessoa e entender a cultura do outro enquanto retém sua própria é um aspecto de uma habilidade mais geral de mediar entre várias línguas e culturas, chamada de comunicação transcultural, intercultural, ou multicultural... A identidade cultural de indivíduos multiculturais não é feita por múltiplos falantes nativos, mas é feita pela multiplicidade de papéis sociais ou 'posições de sujeito' que eles seletivamente ocupam, dependendo do contexto interacional em que se encontram (KRAMSCH, 1998, p. 81)⁴.

O imperialismo linguístico disperso mediante o processo de globalização, visto por Ortiz (2004, p. 15) como um fenômeno emergente ainda em construção, pode interferir no que diz respeito à identidade da língua do sujeito falante e da cultura. Para Rajagopalan (2003, p. 59), “nunca na história da humanidade a identidade linguística das pessoas esteve tão sujeita como nos dias de hoje às influências estrangeiras”. Isso nos mostra como é importante o que sabemos e não somente o que somos. No âmbito cultural, o conhecimento de uma LE não pode ser compreendido como subserviência a um novo tipo de colonialismo e sim, como desenvolvimento intelectual, denominado por Paiva (1996, p. 46) de caldeamento de culturas. Bastos (1996, p. 31), por sua vez, observou que a ênfase na diversidade de contatos com culturas diferentes pela aprendizagem de línguas estrangeiras pode justificar-se pelo sentimento de anomia, de descrédito que permeia a cultura em desenvolvimento.

A seguir passo a apresentar os dados coletados acerca da importância da LI, de acordo com os participantes do estudo.

Língua inglesa e seu valor instrumental

De modo geral, os participantes do estudo concordam que LI é importante porque faz parte do currículo escolar, está amplamente presente na área da computação e é útil para conseguir emprego, portanto, deve ser ensinada. Esta é a primeira função de

⁴ No original: The ability to acquire another person's language and understand someone else's culture while retaining one's own is one aspect of a more general ability to mediate between several languages and cultures, called cross-cultural, intercultural, or multicultural communication... The cultural identity of multicultural individuals is not that of multiple native speakers, but, rather, it is made of a multiplicity of social roles or 'subject positions' which they occupy selectively, depending on the interactional context in which they find themselves at the time (KRAMSCH, 1998, p. 81).

LI. “*Hoje nós estamos precisando muito de intérprete*”, afirma a diretora Celina⁵, “*portanto, é uma língua relevante para os alunos*” (E2⁶, 12/07/2004). “*Uma pessoa que não entende nada de inglês, até para arrumar serviço é difícil*”, assevera a diretora Edna (E1, 12/07/2004).

A diretora Maria também entoa o discurso do caráter pragmático do inglês no sentido não só de inserção ao mercado de trabalho local, mas também de possibilidade de acesso ao mundo globalizado, tecnológico, mundial:

É importante porque é uma língua universal, aonde você vai sempre tem uma pessoa que fala inglês [...] *o acesso ao mundo da informática que tem muitas palavras, a tecnologia, a tv, [...] pra dar um conhecimento e entendimento maior pra lidar com várias coisas, dvd, aparelho de som, tudo é em inglês, e por ser uma língua falada no mundo inteiro* (Maria, diretora, E17, 20/04/2005).

As professoras não opinaram diferentemente das diretoras. Pâmela, por exemplo, apontou Sinop como uma cidade cujas empresas e indústrias realizam comércio com vários países, criando espaços para profissionais que saibam usar a LI:

É mais uma *vantagem pra ele no mercado de trabalho* futuramente [...] porque se não conhece nada de inglês [...] hoje aqui em Sinop já tem empresas que tão fazendo exportação e precisa de pessoas que tenham conhecimento... (Pâmela, professora, E4, 16/07/2004).

Os pais, por sua vez, também reconhecem que a aprendizagem de LI propiciará a seus filhos uma *vida melhor*, já que, atribuem a ela a expansão das possibilidades de *obtenção de emprego*:

O campo de trabalho abre mais se você tem uma segunda língua, tem oportunidade de ter um *emprego melhor*... A escola, a Secretaria de Educação, mesmo que tivesse uma resposta negativa da sociedade, precisaria manter o propósito de ter inglês no currículo. (Guilherme, pai, E7, 02/04/2005).

É importante as crianças estudarem LI porque no estudo que tá hoje tem que tá atualizado, informado, *tem que ter pro futuro deles* (Ivo, pai, E14, 17/04/2005).

⁵ Todos os nomes aqui usados são fictícios.

⁶ E= Entrevista, 2= número da entrevista realizada.

Você pode fazer um curso aperfeiçoado e dar aulas e ganhar um salário até razoável (Rose, mãe, E10, 10/04/2005).

Se para o pai Guilherme, a aprendizagem é indispensável no mundo de hoje, a mãe Rose revela um outro aspecto: a de que o inglês pode ser mais útil para aqueles que buscam emprego fora do país:

Na vida diária você quase não vai precisar de inglês, você vai procurar emprego, eles não exige, a não ser que você vai trabalhar fora do Brasil (Rose, mãe, E10, 10/04/2005).

Em conversas com familiares e vizinhos dos pais entrevistados, notei que embora apoiassem o oferecimento das aulas de inglês, a disciplina de LI é vista como um acréscimo ao conhecimento escolar, é *mais um estudo*, quer dizer, nem todos os pais jogam todas as fichas na serventia do inglês para conseguir um emprego. A mãe de uma das alunas, disse: *Aqui nós não precisa, porque nós vamos aproveitar essa língua aonde?* (Raquel, E11, 10/04/2005). Entre os pais, o domínio de uma LE não é considerado indispensável, apesar de ser importante. Tal atitude revela um entendimento de pertinência social: nos países a que acostumamos chamar de *em desenvolvimento*, o uso do inglês ainda é restrito a alguns setores da sociedade.

Pais e professoras vislumbram as vantagens em utilizar o inglês na sociedade brasileira como ascensão financeira na conquista de um bom emprego e no seu valor simbólico como um “apelo esnobe” (ORTIZ, 1994, p. 193). Quer dizer, professoras e pais como cidadãos apontam que falar inglês é *chique*, é *bonito*, dá *status social*:

Eu concordo com uma entrevista que vi no Fantástico ano passado, as pessoas acham mais *chique*, por exemplo, ao invés de falar Carlos Marrom Junior, falar Charlie Brown Junior, é *mais bonitinho*, dá *mais status* né, nossa, ele fala inglês fluentemente (Solange, professora, E13, 14/04/2005).

...mas é uma coisa que você tem que aprender desde pequeno, até esses dias nós fomos no mercado e tinha *uma menininha, de uns três anos, falando inglês, tão bonito desde pequeno já falar inglês*, você tem que aprender de tudo um pouquinho (Rose, mãe, E10, 10/04/2005).

O pai Guilherme acena para sua participação num mundo global ao integrar-se a

um setor de trabalho e de relação social em que pode lançar mão da LI:

A gente tá vivendo num *mundo globalizado*, as informações são muito rápidas e a LI vem expressa nas informações técnicas de produtos que a gente adquire, e se você tem um conhecimento disso, *vai estar em sintonia com este mundo*, vai crescer não ficar muito atrás das pessoas que estão buscando, *eu sei que dependemos dos americanos em vários aspectos, mas se as pessoas têm oportunidade, tem que aprender*; eu mesmo (referindo-se ao tempo que morou no Japão), usei-a do outro lado do mundo, infelizmente, o que eu percebo é que só uma minoria valoriza o aprendizado de uma 2ª língua, as pessoas acham que elas nunca vão precisar, isso é uma *questão cultural das pessoas que vivem num mundo fechado que não buscam uma perspectiva* (Guilherme, pai, E7, 02/04/2005).

Para o pai Guilherme, o estudo de LI o ajudou concretamente quando viveu no Japão: *usei-a do outro lado do mundo*, diz ele. Usou inglês como meio de comunicação com os japoneses e dessa forma, para ele, o mundo se amplia ao aprendermos a LI. Sua vivência como imigrante no Japão o integra como participante de uma cultura internacional, quer dizer, o que era estrangeiro – o Outro – torna-se Nós, revelando uma conformidade a um padrão hegemônico onde a LI se apresenta como a língua mundial.

Para os seis alunos participantes, a LI se faz presente na sociedade, todavia, percebem de modo diferenciado o oferecimento da disciplina nas escolas. Os três alunos que estão nas séries iniciais caracterizam a LI como uma disciplina *legal* porque se diferencia daquelas comuns a que estavam acostumados (Língua Portuguesa, Matemática, dentre outras), já que, muitas vezes, trabalham com recortes, colagens, desenhos e pinturas. Nas séries iniciais, a aula de LI é relacionada a momentos de *descontração*.

Já os três alunos que estão nas séries mais adiantadas demonstram indícios da influência dos discursos da importância do inglês para conseguirem emprego, quando estiverem em idade para competirem no mercado de trabalho. No entanto, Taís, filha de Raquel, por exemplo, afirmou que embora goste das aulas, não sabe se a LI vai ajudá-la em alguma coisa. *Há coisas muito mais importantes para aprender*, diz ela, deixando transparecer a sensação de não fazer sentido o inglês oferecido pela escola.

Para as professoras, a sociedade usa o inglês sem *sequer perceber que estão usando*. Para Sirlei, por exemplo, a presença maciça da LI no cotidiano já foi assimilada pela sociedade, a ponto de não percebê-la. Outras vezes a usam de forma *equivocada*,

como o que aconteceu no episódio relatado pela professora Solange:

Eu acho que muitas vezes a pessoa usa e *não tem nem noção que tá usando uma palavra inglesa, hot dog, por exemplo, já virou coloquial*, já faz parte do português (Sirlei, professora, E6, 29/03/2005).

Você sai e tem muitas coisas escritas em inglês, as pessoas nem sabem o que tão dizendo, tanto é que veio uma moça me perguntar o que significava o nome de uma loja que ela tinha posto, 'é inglês, só que eu quero saber o que significa pra dizer pros meus clientes' aí eu fui procurar e não existe (Solange, professora, E13, 14/04/2005).

Percebe-se nas falas dos participantes que os indivíduos nativizam, indigenizam a LI e a usam na vida a seu modo, quer dizer, às vezes, até mesmo sem compreendê-la ou imprimindo a ela formas e sentidos mais ajustados com a cultura brasileira.

Língua inglesa e seu valor cultural

Segundo Ortiz, "o processo de mundialização é um fenômeno social total que permeia o conjunto das manifestações culturais e para existir deve se localizar, enraizar-se nas práticas cotidianas dos homens". Para ele, uma cultura mundializada corresponde a uma civilização cuja territorialidade se globalizou, sem, no entanto, ser sinônimo de homogeneidade (1994, p. 30-31).

Se por um lado, a aprendizagem de LI é estimulada pelos participantes do estudo que lhe atribuem um valor instrumental no mundo pós-moderno tecnológico, por outro lado, atribuem seu conhecimento à oportunidade de *ter cultura*, de *ampliar os horizontes*, que parece refletir dois sentidos associados pelo senso comum ao conceito *Cultura* com C maiúsculo (cultura erudita) em oposição à *cultura* com c minúsculo (cultura popular).

O sentido de cultura como erudição está associado à *boa educação*, a certo tipo de estética preferido nas artes, literatura, arquitetura e que favorece uma classe social composta, geralmente, pelos indivíduos com alto poder aquisitivo. Então, a aprendizagem de LI, vista à luz desse conceito, nomeia indivíduos que a *dominam* como sendo *bem educados* e *cultos*.

O segundo sentido é que, por não possuir essa erudição, a classe popular é denominada pelos que se (auto) enquadram no primeiro sentido, ou se autodenomina de

sem cultura, sem educação. Tal asserção os conduz a associar e a desejar a cultura do Outro (do povo britânico ou norte-americano) por a identificarem com povo educado, erudito, civilizado contrapondo à própria cultura (brasileira) vista como não-erudita, não-civilizada.

Já que vivemos em um mundo contemporâneo, formado por uma sociedade marcadamente de consumo que tem na LI e seus *donos* o padrão a ser seguido, na concepção de Cultura com C maiúsculo, evidencia-se, portanto, nas falas abaixo, o sentimento de admiração pelo Outro (a outra língua, o outro povo, a outra cultura):

Provavelmente as pessoas escolhem estudar LI porque elas sentem *desejo de se identificar com outro grupo*, quem não sabe LI fica incomodado [...] todo mundo tem um sonho de falar inglês... (Elvira, professora, E3, 12/07/2004).

Ah, *pela cultura mesmo*, quando a gente vê os EUA na TV, a gente vê que é um povo muito patriota (Solange, professora, E13, 14/04/2005).

Mas, esse sentimento é também contraditório. Se os indivíduos podem compartilhar modos de vida do Outro, também podem enfrentá-lo. Para Pâmela e Sirlei, conhecer a língua do Outro e ter erudição pode ser descolado do sentimento de sujeição à cultura de outro povo.

O que a gente ouve é assim, que *o inglês serve para os norte-americanos nos dominar*, aí eu já falo diferente, então *aprenda inglês para você falar com ele e dominá-lo* [...] ele vai vir aqui e achar que você é um caipira e você vai mostrar *o caipira daqui é inteligente, tem cultura*, conhece a língua deles... (Pâmela, professora, E4, 16/07/2005).

Para mim o inglês é importante, nós deveríamos saber falar inglês sim, porque *o americano se acha superior a nós*, só que é bonito para nós irmos lá no país deles e falarmos a língua deles, *é feio para eles virem aqui e precisarem de intérprete*, eu vejo assim, se eu sei falar a minha e a deles eu sou melhor que eles, *nós somos beneficiados* [...] eles são grandes tolos porque eles estão perdendo porque nós estamos sendo beneficiados, quer seja por imposição ou sei lá o que (Sirlei, professora, E6, 29/03/2005).

Nesses quatro exemplos acima, as falas beligerantes das professoras refletem o jogo das relações de força entre a língua global/mundial e a língua local/nacional. Se por um lado, historicamente, a crença de que aprender a LI é ter cultura e expandir

horizontes veiculada a discursos e sentimentos de inferioridade, alienação e subjugação, e expressa em uma atitude exageradamente positiva e de quase adoração pela LI (MOITA LOPES, 1996, p. 37), por outro lado, outros sentidos também são agregados à crença de ter cultura/expandir horizontes. As professoras entendem que a LI apresenta-se como mais uma ferramenta para a vida profissional. Os pais, apegados ao mundo concreto, também pensam no que o conhecimento de uma outra língua pode proporcionar a seus filhos – uma vida melhor.

Eu creio que a LI é essencial desde a pré-escola [...] a televisão tem a ênfase de nomes, palavras em inglês, e *as crianças tão inseridas desde pequenas num mundo onde o inglês é a língua mais falada* (Guilherme, pai, E7, 02/04/2005).

Eu não sei se meus filhos têm inglês e eu também nunca tive, mas se a escola me perguntasse se eu queria que tivesse eu diria que sim, porque *é mais um estudo* (Raquel, mãe, E 11, 10/04/2005). A gente tem que estimular porque *o inglês a gente sempre vai precisar*, desde o pré até a 4ª até que não, mas da 5ª em diante vai precisar, *é bom ter mais estudo* [...] mas na vida diária você quase não vai precisar (Rose, mãe, E10, 10/04/2005).

Considerações finais

Hoje, a LI está presente em setores especializados de trabalho (publicações científicas, informática), quer na publicidade, no *show business* e nas novelas (a novela global *América*, por exemplo), sinalizando, nas palavras de Ortiz (1994, p. 102), a “existência de um fenômeno de diglossia em escala mundial”. Tal fenômeno, caracterizado pelo processo de globalização, se assenta sob interesses políticos e econômicos em que a LI não é uma língua franca, cuja atribuição seria unicamente colocar em contato grupos de falas distintas, mas passa a ocupar uma posição de autoridade, semelhante àquela da norma padrão perante as variedades linguísticas minoritárias.

Parafraseando as palavras de Ortiz (1994, p. 102-3), há um conjunto de vantagens que são mostradas ou inculcadas via mídia, por exemplo, em utilizar esta língua mundial. Assim, o desejo de falar a LI não decorre apenas de fatos históricos (domínio militar e econômico), mas de interesses específicos do mercado

linguístico que é fortalecido com a entrada de novas culturas com seus idiomas. O conflito entre língua nacional e mundial é latente, mas se resolve de maneira diferente devido às posições no contexto global. A LI adquire uma autonomia interna às diversas culturas mundializadas devido à ampliação do mercado linguístico de dimensão transnacional.

Referências

- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 9 ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BASTOS, H. M. L. *Identidade cultural e o ensino de língua estrangeira no Brasil*. In: PAIVA, V. L. M. de O. *Ensino de língua inglesa: reflexões e experiências* (Org). Campinas, SP: Pontes, 1996.
- HALL, J. K. *Teaching and researching language and culture*. London: Longman, 2002.
- KRAMSCH, C. *Language and culture*. Hong Kong: Oxford University Press, 1998.
- MOITA LOPES, L. C. “*Yes, nós temos bananas*” ou “*Paraíba não é Chicago não*”. Um estudo sobre a alienação e o ensino de inglês como língua estrangeira no Brasil. In: *Oficina de lingüística aplicada*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996. p. 37-62.
- ORTIZ, R. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- PAIVA, V. L. M. de O. *Ensino de língua inglesa: reflexões e experiências* (Org). Campinas, SP: Pontes, 1996.
- RAJAGOPALAN, K. *Por uma lingüística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola, 2003.
- SANTOS, J. L. *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- SPRADLEY, J. P. *Participant observation*. Orlando, Florida: Holt, Rinehart and Winston, Inc., 1980.

CULTURE AND TEACHING-LEARNING OF LANGUAGES

ABSTRACT

The article aims at to reflect about the relationship among language and culture, especially the process of teaching-learning of English Language, according to parents, teachers, directors and students' vision from public schools in Sinop/MT, that characterize it as very important, since they see the knowledge of this language, not only as an advantageous instrument in the insert to the job market, but also, as a cultural value.

Keywords: language, culture, english language.